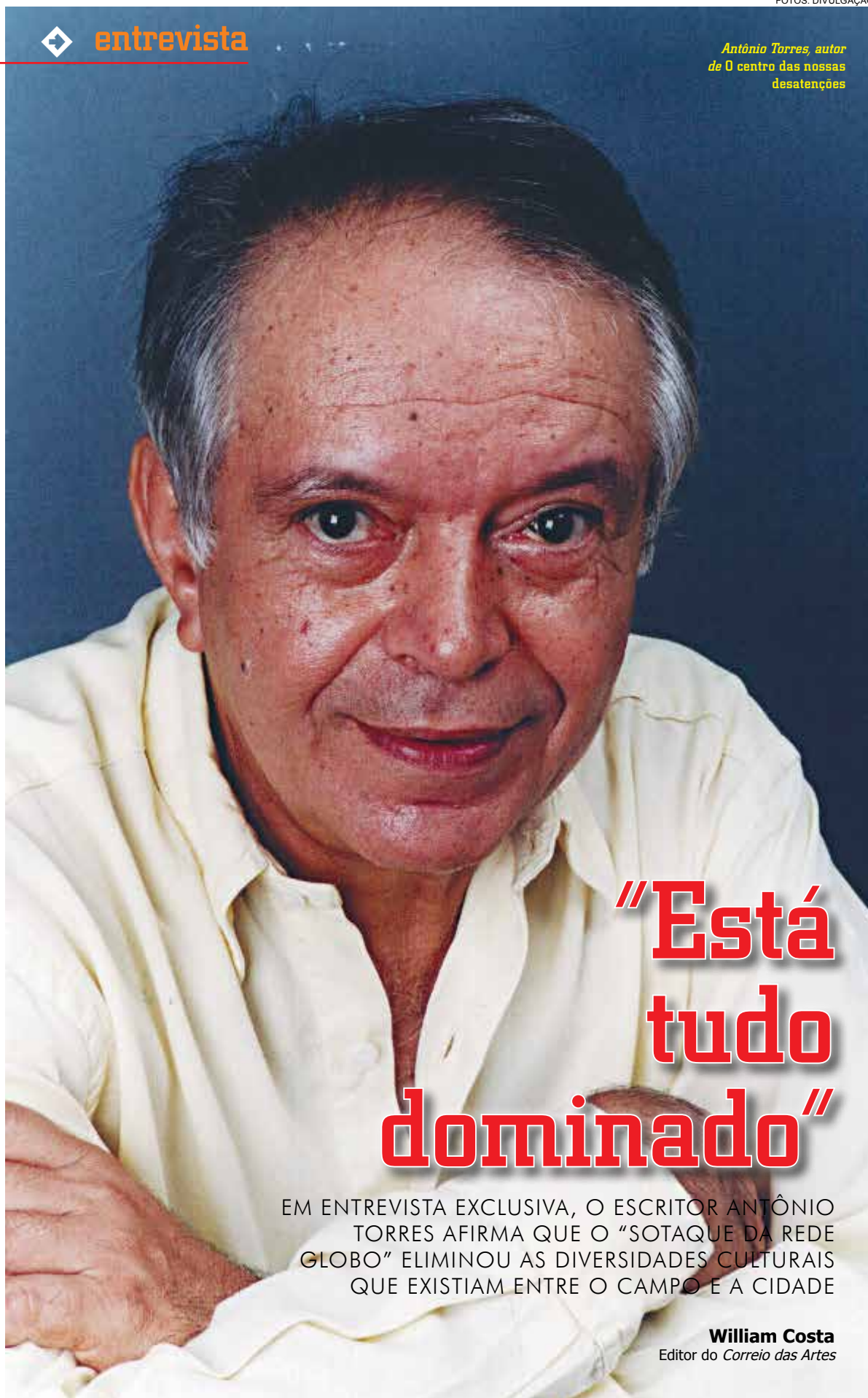


*Antônio Torres, autor
de O centro das nossas
desatenções*



“Está tudo dominado”

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, O ESCRITOR ANTÔNIO TORRES AFIRMA QUE O “SOTAQUE DA REDE GLOBO” ELIMINOU AS DIVERSIDADES CULTURAIS QUE EXISTIAM ENTRE O CAMPO E A CIDADE

William Costa
Editor do *Correio das Artes*

► De êxodos e cidades entende muito Antônio Torres. Afinal, além de observador perspicaz do cenário social de seu país, que, habilmente, transfigura para seus romances, é também ele próprio um migrante. O escritor nasceu no povoado do Junco (atual cidade de Sátiro Dias, no interior da Bahia), porém, de seu roteiro de morador constam Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis - onde mora atualmente -, além de uma “estadia” em Portugal.

Nascido no dia 13 de setembro de 1940, Antônio estreou no romance em 1972 com *Um cão uivando para a Lua*, a partir do qual mantém em construção uma das mais sólidas bibliografias de autor de língua portuguesa. Para quem ainda desconhece o seu talento narrativo, recomenda-se preencher tão grave lacuna, iniciando pela leitura da trilogia formada pelos romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006).

Grosso modo, dois pêndulos fazem vibrar realidades distintas, porém indissociáveis, nos romances de Antônio: passado e presente, campo e cidade. É como se o autor estendesse o olhar para o horizonte mais distante, onde estariam situados os “continentes das causas possíveis”, para em seguida encurtá-lo como uma lupa para as contemporâneas “ilhas dos efeitos sociais”, habitadas por seres enredados em dramas muito parecidos com os nossos.

As cidades também são personagens de crônicas e romances de Antônio. O Rio de Janeiro, principalmente, que fundamenta a tetralogia formada por *Um táxi para Viena d’Áustria* (1991), *O Centro das nossas desatenções* (1996), *Meu querido canibal* (2000) e *O nobre sequestrador* (2003). O relançamento, este ano, pela Record, de *O Centro das nossas desatenções*, em virtude dos 450 anos de fundação da “Cidade Maravilhosa”, motivou esta entrevista exclusiva com o autor.

O Centro das nossas desatenções é uma delícia de crônica. Mostrando-nos o que, aparentemente, seriam apenas recortes da história



da cidade do Rio de Janeiro, como a Era Pereira Passos, um Antônio bem-humorado e irônico resgata episódios emblemáticos da história do Brasil, a exemplo da França Antártica, a chegada de D. João VI e sua Corte, a sagração e coroamento de D. Pedro I, o Grande Baile da Ilha Fiscal, a Proclamação da República etc.

Mas não ficamos apenas no livro que conta a história do Rio de Janeiro. O progresso e a destruição da cultura, civilização e barbárie, jornalismo impresso e novas mídias eletrônicas, vida e literatura foram outros assuntos abordados. Sobre a vida, respondeu-me com outra pergunta: “Se fosse fácil, que graça teria?” Na área da literatura, revelou que tentará retomar um romance que está parado há mais de um ano,

por causa de quefazeres variados. Vamos à íntegra da entrevista:

O que leva um escritor a transformar uma cidade em personagem, a exemplo do que você fez em livros como *Um táxi para Viena d’Áustria*, *Meu querido canibal*, *O nobre sequestrador* e *O centro de nossas desatenções*?

Tudo começou com um sonho, no qual eu matava um amigo, num apartamento em Ipanema. Isso me levou de volta à psicanálise, para saber que violência era essa que carregava dentro de mim. Paralelamente, fui escrevendo *Um táxi para Viena d’Áustria*. Nele, há uma cidade que encanta e apavora, rimando esplendor com horror. Foi publicado pela Companhia ►

► das Letras, em 1991. No ano seguinte o *táxi* atravessava o Atlântico e chegava a Paris, pela Gallimard. Hoje, se encontra na 5ª edição nacional, pela Record. Não o imaginei como o primeiro de uma tetralogia carioca. Mas foi o que aconteceu.

E a gênese de *O centro das nossas desatenções*? O livro foi projetado, a ideia surgiu por acaso ou é fruto de antigas memórias e anotações?

Foi uma encomenda de um livrinho para uma coleção chamada *Cantos do Rio*, bancada pela prefeitura dessa cidade, e cuja primeira leva contava com as participações de Carlos Heitor Cony (que escreveu sobre a Lagoa), Aldir Blanc (Vila Isabel), Geraldo Carneiro (Leblon) e José Almino Arraes (Baixo Gávea). A mim, coube o Centro. Um presentão! Pois caiu em minhas mãos o centro da história do próprio país. Passou-se isto em 1996. Pouco depois, virou filme, produzido por Paulo Thiago para a TV Cultura, de São Paulo. Agora, as comemorações dos 450 anos do Rio levaram a Record a fazer um relançamento de *O Centro das nossas desatenções*, numa edição ilustrada, que ficou bem bacaninha.

O autor não corre o risco de ser considerado passadista, nostálgico, pelo fato de sair em busca de uma espécie de “paraíso perdido” nos recônditos de uma grande cidade?

O que eu temia era outra coisa. Como se tratava de uma história do Rio, ainda que breve, contada por um baiano, imaginava que ela podia não ser bem aceita pelos cariocas. Aconteceu exatamente o contrário: receberam-na com entusiasmo, o que continua agora, aliás. No meu relato, passado e presente se intercambiam. E se há algum toque de nostalgia, aqui e ali, isso faz parte dos sentimentos dos habitantes da cidade. Mas, diga-se: em nenhum momento descrevo-a como um “paraíso perdido”. Procuo não romantizar o seu passado, pleno de mazelas. E



Para Antônio, a paisagem urbana atual se compara a “caixotes empilhados”

algum heroísmo, o que também houve.

O que torna o centro do Rio de Janeiro tão especial? Não haveria vestígios de “vida” semelhantes em cidades baianas, como Ilhéus e Salvador?

Sim, temos cidades de histórico muito rico, de Sul a Norte. No Nordeste, então... O Rio, porém, esteve no centro da nossa história em alguns períodos decisivos para o país, como o da era do ouro, que ali era embarcado para Lisboa, ao tempo dos seus vice-reis, e o da corte de D. João VI, quando a cidade passou a ser a sede do império lusitano. E muitos mais.

Observando o que restou do Rio antigo não há como fugir a uma comparação entre os estilos de vida de hoje e o de décadas passadas. Como você analisa a

vida não só dos cariocas, mas a dos brasileiros que moram em áreas metropolitanas, de um modo geral?

Como na letra de uma bela música do baiano José Carlos Capinan, hoje, nas nossas metrópoles, teme-se morrer de susto, bala ou vício.

E a arquitetura? É flagrante o descompasso entre as “paisagens urbanas” de ontem e de hoje, nesse particular. O que um escritor, de olhar sensível como o seu, teria a dizer sobre isso?

Já no meu romance de estreia, *Um cão uivando para a Lua* (1972), nossa paisagem urbana é descrita como a de “caixotes empilhados”. De lá para cá, o empilhamento só aumentou, de forma descontrolada, com imitações desastrosas pelo interior do país, cujas cidades vêm perdendo suas marcas de origem, para dar lugar a uma arquitetura monstruosa. Tudo com cara de corrupção eleitoreira, que vai permitindo assentamentos irregulares, sem qualquer planejamento ou controle. Um horror.

A “desumanização do homem contemporâneo” já foi apontada como um dos “pecados capitais” da modernidade contra a qual você se bateria, em seus romances. Há luz no fim do túnel ou chegamos ao fundo do poço, nos transformando em uma espécie de “novos bárbaros” no mundo maravilhoso da ciência e da tecnologia?

Recorro a apenas um exemplo da barbárie que nos assola: o tal som automotivo, cheio de tecnologia, para infernizar os nossos ouvidos, a todo volume, e ao arrepio da lei e da ordem.

Embora seu grande sucesso editorial ainda hoje seja considerado *Essa terra*, de 1976, no qual aborda o êxodo rural, você evitou se fechar em uma única temática, e explorou também o universo urbano. De que maneira você pensa hoje essas duas realidades (campo e cidade) e a “interação” entre ambas?

Sim, é verdade, tenho procura- ►

do não ficar o tempo todo batendo na mesma tecla, como se fosse um sambista de uma nota só. Agora, devo dizer que, se o *Essa terra* (que rendeu uma trilogia, com *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*), continua nas paradas (acaba de chegar à 27ª edição, com mais duas em livro de bolso, outra em e-book e traduções em 15 países), hoje, o meu livro que mais vende é o *Meninos, eu conto*, que é de 1999 e já vai para a 13ª edição. No mais, diria que a distância entre campo e cidade ficou reduzida, nessa realidade globalizada que vivemos. Está tudo dominado. Pelo sotaque da Rede Globo.

Como nasceu o gosto pela pesquisa histórica, que resultou em pelo menos dois grandes romances: *Meu querido canibal* (vida do líder tupinambá Cunhambebe) e *O nobre sequestrador* (invasão do Rio de Janeiro comandada pelo corsário René Duguay-Trouin)?

Foi correndo atrás de material para escrever *O Centro das nossas desatenções* que tropecei nos dois personagens acima citados por você. E aí parti em busca da história deles. Foram muitos anos de pesquisas, recorrendo aos alfarrábios da história, viagens etc. Tudo muito trabalhoso. Hoje, porém, sinto-me recompensado por todo, digamos, esforço de reportagem: o *Meu querido canibal* – que acaba de ser publicado na França, em tradução de Dominique Stoenesco - e *O nobre sequestrador* ganharam novas edições, com o Selo Oficial dos 450 anos do Rio. La nave vá.

Antes de projetar-se como romancista, você atuou como jornalista, iniciando-se, ainda muito jovem, no *Jornal da Bahia*. O advento das chamadas novas mídias, principalmente as chamadas “redes sociais”, pode levar os jornais impressos à extinção?

Parece que esse é o destino inescapável da velha e boa imprensa: ser superada pela mídia virtual. O leitor aqui, porém, continua com as assinaturas anuais de dois jornais impressos,



"A literatura corre o risco de ficar reduzida a um nicho, de poucos, porém fiéis, leitores", diz Antônio

que leio diariamente.

Em setembro você completa 75 anos de idade. A essa altura, o que você teria a dizer da vida?

Que é difícil. Mas, se fosse fácil, que graça teria?

E da Literatura?

Que corre o risco de ficar reduzida a um nicho, de poucos, porém fiéis, leitores.

Traduções, reedições, prêmios, condecorações... O resumo, até agora, de sua trajetória literária lhe basta?

Claro que não. Como dizia o finado William Faulkner, você começa a escrever um livro pensando que vai contar tudo. No fim descobre que não contou nada. E aí parte para outro, que termina com a mesma sensação. E assim vai, até morrer, achando que não contou tudo. Bom, espero ainda ter o que contar.

Para “fechar o firo”, o que há de novo?

Um romance, que está parado há mais de um ano, em função dos quefazeres variados, viagens pra lá e pra cá, solicitações de montão, agenda cheia, e cadê tempo para escrever? Mas o romance existe. Só precisa ser continuado, urgentemente. ✖

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Um cão uivando para a lua - 1972
Os homens dos pés redondos - 1973
Essa terra - 1976
Carta ao bispo - 1979
Adeus, velho - 1981
Um táxi para Viena d'Áustria - 1991
O cachorro e o lobo - 1997
Meninos, eu conto - 1999
Meu querido canibal - 2000
O nobre sequestrador - 2003
Pelo fundo da agulha - 2006

William Costa é colunista de **A União** e editor do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa (PB).